

# Auge do emprego às vésperas do pleito

País bateu recorde de vagas formais, e número agora deve crescer menos. É preciso ainda investir em qualificação

Henrique Gomes Batista

## País tem de resolver problema de qualificação

Para completar o bom momento, há um outro fato: o país atravessa um período de crescimento dos salários acima da inflação. Apenas entre 2004 e 2008 — últimos dados disponíveis no IBGE —, a renda média do trabalhador cresceu 17,3% acima da inflação.

— O país vive hoje o auge de seu crescimento na abertura de vagas formais. Acredito que novos empregos continuarão a ser criados nos próximos anos, mas dificilmente serão repetidos os ótimos números deste ano — afirma Alcides Leite, professor de economia da Trevisan Escola de Negócios, lembrando que neste ano há uma combinação de forte aumento de consumo, investimentos e habitação.

O economista Marcelo Neri, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), ressalta que os números de ano eleitoral são geralmente os mais percebidos pelo povo. E lembra o saldo de geração de empregos formais no país entre janeiro e julho deste ano: 1,65 milhão, o melhor resultado da série histórica para os primeiros sete meses do ano, segundo o Cadastro Geral de Emprega-

dos e Desempregados (Caged).

Alcides Leite estima que os investimentos em infraestrutura e habitação tendem a puxar o aumento de vagas nos próximos anos. Mas, para isso, será necessário resolver o problema da baixa qualificação da mão de obra brasileira:

— Na mão de obra, o gargalo já começa a ser sentido.

Na opinião de Clemente Ganz, diretor técnico do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (Dieese), o forte crescimento do emprego nos últimos anos mudou até a pauta de luta dos trabalhadores:

— No governo de Fernando Henrique Cardoso, os sindicatos lutavam para impedir a flexibilização dos direitos trabalhistas. O discurso é que o emprego formal como conhecíamos estava morto. Hoje, vemos que ele está mais forte que nunca. A luta é por redução na jornada de trabalho, e 97% das categorias, neste ano, conseguiram reajustes iguais ou acima da inflação medida pelo INPC — disse.

## Formalização, a exemplo de serviço doméstico, é desafio

O especialista reconhece que ainda há muito a ser feito, principalmente na melhoria da qualidade da mão de obra e na formalização do emprego. Ele cita os desafios de casos clássicos, como as vendedoras de cosméticos em casa e os trabalhadores que prestam pequenos serviços, por exemplo pedreiros e encanadores de reformas caseiras.

— Precisaremos repetir a experiência que facilitou o registro de domésticas — explica.

O economista Joaquim Elói Cirne de Toledo, entretanto, é mais crítico em relação a esses números. Para ele, o governo errou ao criar empregos incentivando o consumo, em vez de obter mais vagas com obras de expansão de infraestrutura, ou seja, investimentos:

— Tínhamos de ter direcionado a economia para crescer com qualidade, com aumento de poupança e investimento. Além disso, focar na nova economia, em inovação, e não em *commodities*.

Neri não descarta também o fator Lula no eleitorado:

— Getúlio Vargas era chamado de pai dos pobres. Lula não é o pai da classe média. Lula é a nova classe média. Um símbolo do sujeito que fez a ascensão social. Não é só a questão do dinheiro no bolso. ■

COLABOROU Maria Fernanda Delmas

• Ceará e Goiás estão à beira de entrar em um grupo seletivo: o dos estados que têm mais de um milhão de empregos formais. Assim, a dupla vai se somar, até o fim do ano, a São Paulo, Minas Gerais, Rio, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Bahia e Pernambuco — este já um neófito entre seus pares, tendo alcançado a marca no governo de Luiz Inácio Lula da Silva. O aumento da lista é uma amostra da forte inclusão de trabalhadores no mercado formal: de dezembro de 2002 a julho deste ano, foram mais 11,089 milhões de carteiras de trabalho assinadas.

Ter o documento criado por Getúlio Vargas assinado ainda é um símbolo de independência financeira e estabilidade. E certamente contribui para uma nota boa ao governo, que se traduz em votos para a candidata do PT ao Planalto. No total, o número de pessoas com emprego formal passou de 23,567 milhões no último mês do governo Fernando Henrique Cardoso para 34,656 milhões no mês passado, incremento de 47% no período.

Isso sem contar o forte crescimento do serviço público, que, se aquece a economia, preocupa alguns especialistas sobre o inchaço da máquina.